

MACUNAÍMA MULTICULTURAL E ALEGÓRICO: FACETAS DO DISCURSO DE MÁRIO DE ANDRADE

Catarina Lemes Pereira - UFAM¹
Maria Sebastiana Morais de Oliveira – UFAM²

Em meio às diversas transformações sociais, a presente pesquisa tem como foco o resgate de uma temática que nunca perde o seu vigor: a questão do multiculturalismo brasileiro. Para tanto, as análises desse estudo, partem da obra literária, *Macunaíma – o herói de nossa gente*, do intelectual modernista Mário de Andrade e desdobram-se em vertentes teóricas no campo da sociocrítica e da alegoria. O desafio está em analisar a desconstrução do discurso que Mário de Andrade faz em sua narrativa para então construir a alegoria de uma sociedade ainda em processo de formação, com identidades plurais desencadeadas em seu processo de colonização, cujo modelo multicultural vem ganhando cada vez mais força em prol do advento da modernidade. Com este propósito, foram utilizadas as correntes citadas, valendo-se das obras de autores como Stuart Hall, Bakhtin, Benjamin, além de outros teóricos de igual valor que pensaram a problemática do multiculturalismo assim como investigaram os mecanismos da alegoria. A principal proposta deste trabalho é fazer um apanhado das alegorias representadas na obra, demonstrando que por meio de seus personagens e das experiências vivenciadas por estes, Mário narra a história deste país, de uma forma irreverente, mas essencialmente crítica, propondo desta forma uma reflexão sobre as bases que moldaram o pensamento social brasileiro e que permanecem até os dias atuais.

Palavras-chave: Macunaíma; Multiculturalismo; Alegoria.

A obra *Macunaíma* do intelectual modernista Mário de Andrade, é obra de merecido êxito literário, mas também compêndio para se pensar a cultura nacional, no que envolve as inúmeras abordagens apresentadas pelo autor, podendo se identificar dentro da narrativa e espelhado por meio dela, o retrato de um povo, de uma floresta e de um processo civilizatório que até os dias atuais podem ter suas marcas observadas. O presente trabalho tem como proposta principal discutir, dentre as muitas possibilidades que a obra nos apresenta, de que forma o autor Mário de Andrade constrói um discurso nacionalizante por meio da alegoria, construção metafórica nos apresentada por Benjamin, focando no multiculturalismo e na proposta das três raças subentendida no discurso do autor.

¹ Catarina PEREIRA. Universidade Federal do Amazonas – UFAM. ninaaiko@hotmail.com

² Maria Sebastiana GUEDES. Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Msmguedes@Yahoo.com.br

Sabemos que a questão da formação do povo brasileiro propõe ainda hoje diversos debates, por se tratar de um processo complexo, onde diversas culturas entrecruzadas formaram outras culturas para representar o povo de uma só nação. O próprio conceito de nação foi criado para colocar em ordem as diversas manifestações sociais, culturais e econômicas distribuídas pelo mundo inteiro e dessa “ordenação social” é que surgiram as noções de patriotismo e diversos outros conceitos ligados às questões identitárias, como se para um ser humano existir tivesse que necessariamente ter um sentimento de pertencimento, fazendo do lugar que ele nasce uma parte daquilo que significa seu próprio eu. Por não ser foco dessa pesquisa, não cabe aqui avaliar as positivities ou incoerências desse processo, mas sim refletir sobre os conflitos que se iniciaram a partir dessa nova constituição de sociedade, principalmente no que se refere ao Brasil. O que a história nos apresenta, é uma formação desencadeada principalmente no momento da colonização na união de negros, índios e europeus, no entanto, sabemos que houve um processo migratório em grande escala no País, com povos vindos ainda de outros lugares ampliando ainda mais a presença de outras raças no País.

Já é sabido que o processo de colonização foi amplamente traumático tanto para os nativos que aqui viviam quanto para os negros aqui escravizados e o que resultou da confluência das novas etnias que para cá foram trazidas foi o que hoje configura-se como multiculturalismo. Para Chiappini:

O multiculturalismo pode ser visto como um sintoma de transformações sociais básicas, ocorridas na segunda metade do século XX, no mundo todo pós-segunda guerra mundial. Pode ser visto também como uma ideologia, ou como aspiração, desejo coletivo de uma sociedade mais justa e igualitária no respeito às diferenças. Conseqüência de múltiplas misturas raciais e culturais provocadas pelo incremento das migrações em escala planetária, pelo desenvolvimento dos estudos antropológicos, do próprio direito e da lingüística, além das outras ciências sociais e humanas, o multiculturalismo é, antes de mais nada, um questionamento de fronteiras de todo o tipo, principalmente da monoculturalidade e, com esta, de um conceito de nação nela baseado . (2001, p. 6)

Não há como negar que, cada vez mais as identidades são plurais e as nações sempre se formaram na diferença, mais ou menos escamoteada por uma homogeneização forçada, em grande parte artificial. O multiculturalismo, por sua vez é

hoje aceito como um fenômeno mundial, pois estima-se que apenas 10 a 15% das nações no mundo sejam etnicamente homogêneas.³

Ainda segundo Chiappini, é necessário pensar a nação como um constructo, como uma invenção com base em mitos, cuja narrativa silencia fraturas e contradições em uma modernidade cadente com transformações intensas que impedem qualquer discurso generalizante (2001). Ou seja, essas reflexões, reconhecem que as identidades são históricas e relacionais, mas ainda identidades. Elas também reconsideram como fator enriquecedor o múltiplo pertencimento dos indivíduos, suas ambivalências, as identidades ambíguas que se combinam: continental, nacional, regional, local, de idade, de gênero, étnica, profissional e de classe. A diversidade cultural e étnica é vista como desafio para a identidade da nação, mas também como fator de enriquecimento e abertura de novas e múltiplas possibilidades.

Assim, nós brasileiros, segundo Darcy Ribeiro, “somos um povo sem ser, impedido de sê-lo. Um povo mestiço na carne e no espírito, já que aqui a mestiçagem jamais foi crime ou pecado. Nela fomos feitos e ainda continuamos nos fazendo”. Do branco, negro e do índio juntaram-se os mestiços na composição étnica da população brasileira, representados pelos caboclos (descendentes de brancos e ameríndios), mulatos (de brancos e negros) e cafuzos (de negros e ameríndios). E essa mistura de raças resultou, como sabemos, na composição do povo brasileiro.

Dentro desse processo histórico, talvez até inconscientemente o brasileiro não perceba que cristalizou conceitos e que agora, mesmo com um discurso que tenta acompanhar a realidade dos Países mais expansivos, ainda continua a manter o negro como personagem periférico, o branco como o superior e o índio como o selvagem exótico. O fato é que no Brasil, os conflitos com as raízes são constantes e evidências de um País que ainda não percebeu seu valor diante das diversidades.

Por outro lado, as diversas abordagens articuladas a partir da leitura de Macunaíma, só podem assim ser abordadas porque constituem um jogo de metáforas

³ Informação retirada do site:

http://www.celpsyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=824:multiculturalismo-e-identidade-nacional&catid=95:artigos. Acessado em: 10 de julho de 2014.

manifestadas na literatura como configurações, que mesmo pertencendo ao universo fictício, não se limitam ao seu campo narrativo e transcendem para então atribuir um novo efeito de sentido a um mesmo objeto. Ao se referir a esse processo, Benjamin ressignifica⁴ o conceito de alegoria e aponta que no mundo histórico as coisas deixaram de ter sentido em si próprias ao dizer que a alegorização acontece essencialmente como fragmentação. (1984, p.5)

Descrevendo a alegoria como processo de constituição de sentido, Benjamin (1984 p. 16,17) ressalta a arbitrariedade, o princípio da subjetividade: “Cada pessoa, cada coisa, cada relação pode significar qualquer outra. Essa possibilidade profere contra o mundo profano um veredicto devastador, mas justo: ele é visto como um mundo no qual o pormenor não tem importância.”

Para Benjamin, o alegorista aponta as condições específicas sob as quais as coisas serão capazes de adquirir novo significado no mundo histórico e propõe a libertação da coisa em seu contexto funcional, no qual não tem sentido próprio, mas somente como parte dum todo, como elemento desse contexto. E ainda diz:

Arrancando as coisas do seu contexto e colocando-as em novos e diversos contextos, o alegorista, com sua descontextualização e recontextualizações arbitrárias, indica que o sentido atribuído à coisa do contexto específico não é o original e inato, mas um sentido arbitrário. (1984, p. 6)

Ao pensarmos em Macunaíma, podemos pensar em Mário de Andrade como um alegorista diante de sua esfera ficcional pronta a ser ressignificada. Mário constrói, como já citado diversas metáforas, que compõem uma grande alegoria, ao recriar o universo ficcional em pleno diálogo com a sociedade brasileira. Para Veloso, Mário é um ator que encarna e personifica a figura do homem público, a partir da luta que empreendeu para a construção e implementação de um projeto coletivo de âmbito nacional, perseguindo sua missão de tornar o brasileiro um cidadão consciente, participe do projeto de construção da nação. (1999, p. 112)

Nesse sentido ele cumpre o que Benjamin antecipava, quando tira as coisas de seu sentido em si mesmas e como fragmentos lhes atribui novo sentido, em um processo de desconstrução da sociedade moderna para uma posterior construção, agora já com

⁴ Benjamin faz diferença entre a alegoria no romantismo e no barroco em sua obra O drama barroco...

elementos “resgatados” de uma mera existência fechada em si mesma. No próprio título da obra observamos a colocação de um elemento inesperado, que irá conduzir o efeito de sentido que permeará toda a obra.

O primeiro elemento desconstruído na obra é logo, o personagem principal, Macunaíma. Anunciado como o herói sem nenhum caráter cria uma expectativa contrária ao que se poderia esperar de um herói representando sua nação. Esse herói, não contente já em sua ausência de caráter passa toda sua trajetória negando a sua própria sentença e deixando perplexo o leitor diante de sua total falta de modos e excessiva energia cômica.

Ao apresentar Macunaíma como o herói sem nenhum caráter, Mário está apresentando um símbolo social invertido. Dos heróis espera-se no mínimo algum caráter, e espera-se a glória, as conquistas, a honradez. Macunaíma não alcança nada disso, ao contrário, seu final é triste e solitário. Em sua trajetória há derrotas, perdas que lhe marcam profundamente. Mas então, diante de um comportamento visivelmente deslocado eis que se apresenta então, justamente por assim ser, uma nova figura a ser avaliada, um herói cômico que se diverte com a própria condição e satiriza todos ao redor em completa afirmação de si mesmo.

Não por acaso a figura desse herói é um ser que nasce índio e depois de banhado num rio, fica branco, loiro e de olho azul. Não por acaso Macunaíma é irreverente ao extremo, sensual em descontrolado. Macunaíma é desajustado porque assim tinha que ser para ilustrar exatamente, por meio de uma aparente deformidade aquilo que implicava ter experienciado toda sua trajetória. Mas Macunaíma não está sozinho nessa desconstrução alegórica.

Para ressaltar a crítica das três raças, temos na obra de Mário, a alegoria de Macunaíma, Maanape e Jiguê, irmãos na narrativa que alegoricamente representam a formação do brasileiro, representando portanto, o europeu na transformação de Macunaíma, o africano na pele de Jiguê o irmão feiticeiro e Maanape o irmão que nasce e morre índio.

Uma feita a Sol cobrira os três manos dum escaminha de suor e Macunaíma se lembrou de tomar banho. Porém no rio era impossível por causa das piranhas tão vorazes que de quando em quando na luta pra pegar um naco de irmã espedaçada, pulavam aos cachos pra fora d'água metro e mais. Então Macunaíma enxergou numa lapa bem no meio do rio uma cova cheia d'água. E a cova era que-nem a marca dum

pé-gigante. Abicaram. O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a água era encantada porque aquele buraco na lapa era marca do pezão do Sumé, do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus pra indiada brasileira. Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas. Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém, a água já estava muito suja da negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água pra todos os lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo. Macunaíma teve dó e consolou: — Olhe, mano Jiguê, branco você ficou não, porém pretume foi-se e antes fanhoso que sem nariz. Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifava toda a água encantada pra fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho da tribo dos Tapanhumas. Só que as palmas das mãos e dos pés dele são vermelhas por terem se limpado na água santa. Macunaíma teve dó e consolou: — Não se avexe, mano Maanape, não se avexe não, mais sofreu nosso tio Judas!

É interessante notar dois processos imbuídos nessa parte da narrativa. O primeiro trata da transformação dos personagens em seres alegóricos, cada qual passando a representar as raças já citadas. Outro processo, no entanto, foi bem observado por Antonio Paulo Graça ao enxergar na submersão das águas, já a inserção de uma prática do europeu. Paulo Graça afirma que, quando o herói de nossa gente se banha na água sagrada, a água do batismo cristão primitivo, está convertido. Ou seja, não se trata apenas de transformação física, mera mudança mágica em seu estereótipo. O lavar-se nas águas é um mergulho nos novos costumes que teria que lidar dali por diante e como continua Paulo Graça, as águas batismais lavaram o pretume que tanto pode ser o da alma quanto o da cor mesmo.

Macunaíma então passa a lidar com os problemas dessa transformação ali mesmo no momento da mudança. Como diz Paulo Graça:

Converso e embranquiçado, Macunaíma despertou a inveja dos irmãos. Jiguê se joga na água, mas só consegue ficar moreno. Maanape nem isso, apenas avermelhou a palma das mãos e dos pés. Para espanto geral da natureza, saem os três irmãos: um louro, um moreno e um negro índio. Mário de Andrade assim elabora uma paródia devastadora sobre o mito da democracia racial. (1998, p. 136)

Macunaíma de fato está transformado e a convivência com a diferença dos irmãos não é nada harmônica, assim como também a história comprova que não foi a dos três povos por eles representados, no entanto, o plano da conversão cristã de

Macunaíma é contestável, ressaltando ainda mais o que se tinha por conversão na época da colonização. Em outro trecho do livro, assim está:

Nesse tempo, veio pedir pousada na pensão o índio Antonio, santo famoso com a companheira dele, Mãe de Deus. Foi visitar Macunaíma, fez discurso e batizou o herói diante do Deus que havia de vir e tinha forma nem bem de peixe nem bem de anta. Foi assim que Macunaíma entrou para religião Caraimonhaga que estava fazendo furor no sertão da Bahía. (1998, p. 111)

Antonio Paulo Graça aponta para o fato de que a religião Caraimonhaga era grande heresia e afirma que a passagem, representa uma espécie de elogio herético e uma rebelde negação do Cristianismo, uma resistência, ao que parece bastante consciente, de repetir a cena da conversão no romance indianista. Mais uma vez, Mário de Andrade busca, antes de tudo, uma antipoética do genocídio, uma desconstrução de estratégias cristalizadas, aparentemente inocentes, mas maléficas e conformistas em profundidade.

Mário de Andrade retoma a passagem do batismo para ilustrar uma prática constante com índios e negros à época da colonização. Os europeus acreditavam que ao batizarem os índios, estavam de certa forma transformando-os em um dos seus, no entanto, as reações a essa conversão não eram das mais satisfatórias. A fé cristã foi imposta aos índios como única alternativa de existência, mas havia os que diziam aceitar um cristo quando na verdade continuavam guardando sua fé somente consigo. Isso acontecia bastante também com os africanos, de crença tão fortalecida que permaneceu no Brasil como testemunho de sua força.

Há diversas outras passagens na obra que ilustram os processos alegóricos ressignificados ao longo do texto e de cada uma delas é possível obter um significado novo a partir do olhar de Mário de Andrade. Cabe-nos portanto, compreender em cada uma os efeitos da alegoria e o alcance de seu olhar, diante de um retrato moderno que busca resgatar uma história que nem ao menos assentou suas bases. A intenção desse processo, segundo Benjamin é a de compreender, o homem diante da situação de fragmentada efemeridade histórica, de onde afirma que a alegoria se impõe como a figura expressiva mais adequada nessas condições.

Com Foucault, aprendemos que a história não possui causa única, razão progressiva, nem sujeito fundador. Ao colocar em Macunaíma os conflitos da

colonização coloca-se nele também os conflitos da modernidade. Ao resgatar traumas coloniais, Mário de Andrade está trazendo à reflexão a verdadeira história de formação do povo brasileiro e ao introduzir esses elementos até então “puros” em contraste com o urbano e todas as suas patologias, convida o povo a pensar nos dramas que se estendem em suas relações sociais e dessa forma o obriga a refletir sobre a sua própria existência dentro desse processo. Conhecer o passado, como disse Walter Benjamin, pode ser o início de uma experiência pessoal: reminiscências capazes de gerar iluminações para o presente e utopias para o futuro. (VELOSO, 1999, p. 27)

Desvendando esse processo como de fato aconteceu torna-se possível, por exemplo, compreender melhor o longo e conflituoso período em que o preconceito racial foi alarmante nesse país. A história construiu a imagem de personagens que serviam muito bem aos intentos burgueses e estes eram manipulados de acordo com o interesse do dominador, como acontecerá bem mais tarde com o índio ao ser elevado a título de herói na literatura brasileira.

Octávio Ianni, no capítulo *Raça e Povo* da obra “A idéia de Brasil Moderno”, começa dizendo que a problemática racial representou desde a independência e continua a representar um fator muito importante para a compreensão de como se forma o povo, visto que é uma problemática que envolve muitas discussões e muito preconceito. Em decorrência disso, o autor aponta que Em todos os setores da sociedade, no passado e no presente, há sempre um debate sobre a problemática racial. Mais do que os intelectuais, políticos e governantes, os próprios índios, negros, imigrantes e outros vivenciam situações nas quais as diferenças, hierarquias, preconceitos e discriminações aparecem. Na fazenda, fábrica, escritório, escola, família, igreja, quartel e outros lugares o pluralismo racial brasileiro manifesta-se tanto como caleidoscópio como espaço de alienação. (2004, p. 55)

Existem diversas teorias a respeito do perfil das raças, associando mais força física aos negros, mais domínio intelectual aos brancos e apontando uma certa fraqueza aos mestiços, pois uma vez que um indivíduo fosse formado do hibridismo de raças diferentes, perderia o valor de pertencer a uma raça pura. Sabemos, no entanto, que a ideia de raça pura é uma ideia bastante equivocada porque até mesmo nos espaços mais

conservadores, não houve como se manter fielmente a distinção de povos ainda que muitos lugares sustentassem esse discurso.

Mário de Andrade ao colocar as figuras dos três irmãos na narrativa, configurou a alegoria das três raças tristes, que formaram inicialmente o cerne que deu vida a toda população que viria, depois de um processo longo a ser chamada de brasileira. No entanto, algumas passagens nos chamam bastante atenção pela forma como foram evidenciadas por Mário de Andrade e pela forma que podem ser interpretadas pelos teóricos.

Algo que chama atenção na passagem em que se percebe a distinção das três raças, é a tendência ao embranquecimento dos personagens, principalmente do personagem principal Macunaíma que inicia a narrativa “preto retinto filho do medo da noite” e na metade da narrativa onde segue a caminho da cidade grande, é feito branco, loiro, de olhos azuis. Sobre este embranquecimento, Arthur Ramos faz um balanço de que:

Muito tem discutido os novos sociólogos sobre a proporcionalidade desigual dessas misturas, no decorrer dos tempos, acenando para uma “progressiva arianização” ou um progressivo “branqueamento” das populações brasileiras, em virtude do estancamento da entrada do negro e as crescentes afluências do imigrante europeu, e ainda procurando provar o progressivo “branqueamento” das populações mestiças pela reversão ao tipo branco que seria “dominante”, em face das leis de Mendel. (1951, p. 384)

Para o autor, faz-se necessário “Verificar que mestiçagem não acarreta nenhuma degenerescência, ou perda do vigor biológico. Muito pelo contrário, ela é fator de formação dos fenótipos resistentes, de relativa homogeneidade, que estão possibilitando a construção de uma civilização nos trópicos” (RAMOS, 1951, p. 384).

Logo, podemos inferir que em Macunaíma os seres são criados em essência para existirem a partir de então como seres autônomos. Há nos personagens uma consciência primeira, que é a consciência do autor, mas à medida que vão se desvelando no percurso da obra desvelam-se também características que nem ao menos o autor soube como construiu, ao passo que se percebe que algumas foram construídas nelas mesmas.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A alegoria do drama barroco alemão. Ed. Brasiliense, 1984,

ANDRADE, Mario de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Ed. Crítica de Telê Porto Ancona. 1978

BACKTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievsky*, Forense Universitária.

IANNI, Octávio. *A ideia de Brasil Moderno*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANTOS, Maria Veloso. MADEIRA, Maria Angélica. *Leituras Brasileiras: itinerários do pensamento social e da literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

SOUSA, Gilda de Melo. *O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma*. São Paulo: duas cidades, 1979.

GRAÇA, Antonio Paulo. *A poética do genocídio*. Rio de Janeiro: Topbooks editora, 1998.

KOTHE, Flávio R. *O cânone colonial: ensaio*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

SOUSA, Márcio. *História da Amazônia*. Manaus: Editora Valer, 2009.

http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=824:multiculturalismo-e-identidade-nacional&catid=95:artigos. Acessado em 10 de julho de 2014.

RAMOS, Arthur. *Introdução à antropologia brasileira* 2 ed. Rio de Janeiro: Editora da Casa do estudante do Brasil, 1951.